

VACCA, Giuseppe. *Pensar o mundo novo: rumo à democracia do século XXI*, São Paulo, Ática, 1996.

*Bacharel em Física. Mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação do Centro Universitário Nove de Julho.

Valdir Ferreira*

O texto de Giuseppe Vacca procura determinar as características do “mundo novo”, que vem se manifestando a partir da globalização e do fim da guerra fria, e estudar as possibilidades do desenvolvimento de uma hegemonia mundial de valores democráticos. Sua hipótese é que ampliação democrática, nas novas condições, exige um paradigma socialista que supere o individualismo liberal, pois a capacidade hegemônica da ideologia liberal-burguesa estaria hoje inexoravelmente esgotada.

Vacca inicia pela exposição e análise crítica dos conceitos de Norberto Bobbio sobre as “aporias” da democracia, ou seja, sua incapacidade de realizar seu “normativismo ético” intrínseco baseado na autonomia e nos direitos do indivíduo, pois, de fato, a conseqüência tem sido o conformismo e a standardização do pensamento, isto é, “a própria dissolução do sujeito autônomo”. As promessas não cumpridas, apontadas por Bobbio, são seis: A “soberania dos indivíduos” solapada pelos interesses corporativos de organizações; uma representação política que leva em conta particularidades e não o interes-

se geral; a “persistência de oligarquias opacas ao princípio democrático”; a empresa e seu aparato burocrático que escapam ao controle democrático; a existência do “Estado dual”, ou seja, as “máfias e estruturas paralelas que se subtraem à necessária transparência democrática”; e, finalmente, a “falência da educação para a cidadania”. Os “obstáculos não previstos”, situados como origem destas promessas não cumpridas, são: a crescente tecnicidade do conteúdo das decisões; a expansão da burocracia do Estado e a “sobrecarga de demandas” geradas pelo exercício democrático. Para Vacca, estas “promessas não cumpridas” são necessidades intrínsecas ao modelo liberal adotado por Bobbio, e as aporias resultam do seu individualismo metodológico, que não escapa aos limites do contratualismo hobbesiano. A sociedade atual, para Vacca, seria constituída por sujeitos coletivos como negros, mulheres, trabalhadores, que reivindicam direitos sociais, e que constituem uma sociedade civil orgânica que não se deixa apanhar, na sua complexidade conceitual, pela visão liberal de direitos individuais.

Segundo Bobbio, a permanência da democracia, no mundo globalizado, dependeria de duas questões: “Ampliação do número de estados democráticos e democratização do sistema internacional no seu conjunto”. Bobbio assinala a crise de soberania do Estado-Nação, e chega a propor, utopicamente, um governo mundial, pois prevê uma tendência natural de anarquia nas relações internacionais, isto é, um “estado de natureza” baseado na vontade de potência das nações. Para Vacca, o individualismo metodológico de Bobbio não lhe permite “elaborar o conceito de *sistema internacional*”.

Vacca assume um novo paradigma, proposto por Bonanate, o conceito de *interdependência*, que não reduziria o sistema internacional às propriedades singulares de cada unidade, e que parte da deterioração da soberania do Estado-Nação. Para Vacca há que se buscar outro conceito de sujeitos históricos, dentro de uma visão coletiva e orgânica de sociedade, que seja capaz de compreender as relações horizontais formadas no processo histórico da humanidade, não se deixando aprisionar “na jaula das relações indivíduo-Estado e Estado-Estado”.

Vacca discute o conceito de Estado na teoria marxista. Conforme Bobbio:

...não existe um modelo de organização política alternativo ao Estado parlamentar, um modelo que se possa dizer democrático e socialista em contraste com o modelo tradicional democrático e liberal. Esse modelo não existe, ou pelo menos não existe de forma completa, em todas as particularidades com que foi elaborado, através dos séculos, o sistema político da burguesia.

Vacca propõe uma representação parlamentar ampliada por formas de democracia direta, o que chama de “democracia de produtores”, ou seja, conselhos de fábrica e sindicatos. Nega o perigo economicista apontado por Bobbio, neste tipo de representação, com o exemplo da conquista, na Itália, do referendun do divórcio, que unificou, na fábrica, operários católicos e laicos contra o desafio clerical. Para Vacca a “democracia do socialismo” exige a penetração do princípio democrático nos processos de produção econômica e nos aparatos de distribuição e reprodução.

Vacca critica a proposição de Bobbio sobre a ausência, na teoria marxista, de uma discussão mais aprofundada sobre o papel e a estrutura de um novo Estado socialista, afirmando que esta questão, embrionária no marxismo teórico, vem aparecer de forma mais sistemática em dirigentes políticos como Lênin, Gramsci e Togliatti, e isto

porque a produção teórica do socialismo, diferentemente do pensamento burguês, que produziu seus Locke, Kant e Adam Smith de forma individualizada, precisa constituir o “intelectual coletivo” presente no conceito de Partido formulado por Gramsci. É preciso buscar, principalmente em Gramsci, o esboço da proposta de um Estado democrático e socialista baseado nos seus conceitos de Partido, Hegemonia e Sociedade Civil. Para Gramsci o Estado não se esgota nos limites estreitos do aparato de governo, mas estende-se à sociedade civil, onde estão presentes instâncias de decisão e realiza-se o exercício de hegemonia e, no limite, a instância propriamente política, o aparato estatal, seria absorvido pela sociedade civil, que “reinará soberana acabando com a diferença entre governantes e governados”. Esta visão não seria apenas um exercício utópico, mas um conceito programático orientador e regulador da construção de formas mais democráticas, portanto menos coercitivas do Estado em todo o processo de transição.

Os receios de Bobbio quanto aos perigos para a democracia, relacionados às formas de Estado, são os seguintes: a tendência atual para a formação de grandes organizações públicas e privadas; ampliação das estruturas burocráticas do Estado; crescimento

da necessidade de especialização e de capacidades técnicas específicas para as tomadas de decisões; e o processo de massificação em curso. Vacca objeta no sentido de que a complexidade crescente das organizações é acompanhada de “formas de regulação”, assim como a burocratização e a especialização não impedem o exercício democrático, pois é sempre possível separar a parte técnica, especializada, do momento de decisão sobre políticas que interessam à sociedade. O nó da questão estaria na qualidade do espírito público e na forma como é “acumulada, distribuída e controlada a informação”. A luta contra a burocracia e a tecnocracia “indica a necessidade de que as forças democráticas sejam capazes de reformar os aparatos da reprodução e de modificar a relação que liga produção e reprodução”, onde estariam presentes *a empresa, a mídia e a escola*, alterando as relações entre intelectuais e massa e promovendo um progressivo deslocamento do “agir instrumental” para o “agir comunicativo”, como proposto por Habermas.

Vacca expõe a relação entre o conceito de hegemonia e democracia. Critica Bobbio e outros teóricos que apontam a incompatibilidade do conceito de hegemonia com pluralismo e democracia, ressaltando seu caráter autoritário. Gramsci conceitua Esta-

do como “sociedade civil + sociedade política, isto é, hegemonia revestida de coerção”, o que sintetiza a “subordinação permanente da Política-Potência (a doutrina do Estado-Força) à Política-Hegemonia. Para Vacca o conceito de hegemonia deve ser entendido como resposta à desintegração do Estado moderno, à crise do princípio de soberania e à superação do Estado-Nação, dentro de um processo de formação de agrupamentos supranacionais. A condição para esta passagem gradual é a formação de

uma economia segundo um plano mundial”, através de formas intermediárias de Estado que diminuem progressivamente seu caráter coercitivo, não na construção de um novo liberalismo, mas de uma “era de liberdade orgânica (...) favorecendo a passagem molecular dos grupos dirigidos ao grupo dirigente (...) e levando à expansão máxima o consenso ativo dos governados. (...) O socialismo é o ator mais conseqüente dos processos de democratização, mas ao mesmo tempo é o protagonista da dissolução do Estado.

A democracia possível do século XXI, dentro de um processo de crise política e territorial do Estado-Nação, passa pela conceituação da relação

entre *hegemonia e interdependência*. Os conceitos de Gramsci sobre este tema teriam a ver com sua reflexão sobre as dificuldades do socialismo russo. Em 1925 concordava com Bukharin sobre a necessidade de um “socialismo em passos de lesma”, devido ao isolamento internacional da URSS. Em 1930 já refletia sobre o fim da NEP e o estalinismo como fenômenos que substituíam a hegemonia pela coerção e levariam a URSS a um beco sem saída. A territorialização do socialismo, uma contradição em termos, só poderia levar à deformação e ao bloqueio de sua evolução. Há um nexo entre socialismo e internacionalismo que impede sua sobrevivência territorial isolada.

Esta visão, já presente em Gramsci, retorna na análise de Gorbachev sobre a “Perestroika”, em que o socialismo teria um importante papel no mundo que se globalizava, pois “os automatismos de expansão do mercado mundial não poderão fundar um vínculo unitário do gênero humano”. Esta tarefa exige a incorporação do conceito de interdependência e da relação intrínseca entre questões nacionais e internacionais. Como queria Gramsci, é preciso “colaborar para reconstruir o mundo economicamente de modo unitário”. Vacca propõe uma mudança no agir político:

Os grandes problemas da humanidade (a paz, o desenvolvimento, a segurança, a liberdade) não podem mais ser enfrentados com visões parciais (locais) e com ações políticas unilaterais. O discriminante essencial entre os atores políticos estará na sua diversa capacidade de representar e interpretar os interesses gerais do gênero humano, e deles derivando a legitimação de interesses particulares.

Para Vacca, pela primeira vez na história, estar-se-ia montando um palco com condições objetivas para o advento do socialismo. O último estágio do capitalismo seria sua internacionalização, e também o pressuposto de sua própria queda, dada sua incapacidade estrutural de oferecer as respostas que lhe dariam condições de exercer um papel hege-

mônico no mundo moderno. O socialismo internacionalizado realizar-se-ia através de um processo hegemônico exercido no seio de uma sociedade civil que passaria progressivamente a ocupar as funções do Estado, criando possibilidades efetivas de realização das promessas adiadas: justiça econômica, novos valores de solidariedade sem fronteiras e uma efetiva ampliação democrática para toda a humanidade.

Para o histórico de derrotas que foram acumuladas pelo movimento socialista, esta visão traz em si a desconfiança de um excessivo otimismo; mas a coerência da análise de Vacca, amparada em um Gramsci profundamente atual, propõe questões que me parecem fundamentais para a teoria e a prática de quem pretenda compartilhar o seu sonho.